

“60 ANOS DA GEOGRAFIA UFRGS”

Prof.º Dr.º Carlos Augusto Figueiredo Monteiro

É com enorme satisfação que venho agora juntar-me a vocês nessa celebração dos setenta anos de instalação do curso de geografia nesta Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rever os colegas mais antigos pioneiros na geografia gaúcha — e conhecer os atuais militantes dessa brilhante nova geração.

O que dizer nesta ocasião? Ocorre-me que senão o melhor, mas, o mais afetivo, num encontro entre amigos. é conversar sobre a geografia, trocar idéias, contar-lhes minha experiência, ouvir a de vocês; as vicissitudes passadas, nossos sucessos e dificuldades, o momento que atravessamos, as perspectivas futuras. Gostaria de, em três toques: fazer uma CONVERSA SOBRE A NOSSA GEOGRAFIA, a partir de um depoimento pessoal. Se a instalação acadêmica da geografia na UFRGS está completando 60 anos, eu já tenho 56 de efetiva militância, o que será, espero, um elemento de sintonia na pretendida conversa.

- DE QUE ESTOFO SÃO FEITOS OS GEÓGRAFOS?

O que me diz esta longa vivência de quase meio século?

Nascido em Teresina, a capital do obscuro Estado do Piauí (2307.1927) vivi uma adolescência angustiada por vários problemas, dentre os quais aquele fatalmente incidente sobre os habitantes do meio norte e nordeste brasileiros: a perspectiva da inevitável migração para outra região pela falta de recursos locais.

Diria que dos três fatores básicos que me impeliram para a geografia foram, em primeiro lugar, uma certa desorientação, descambando para uma sensação de despertencimento à terra. Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Um problema sério que me acompanharia pela vida a fora e que eu só iria “resolver” quando após minha aposentadoria como professor titular r Depto. de Geografia de FFLCH-USP — mergulhei fundo na memória, em pesquisa no arquivo público, do Piauí, no relicário familiar, que resultaria numa obra estruturada em cinco volumes, num total de cerca de 2000 páginas, vasculhando História e Geografia do Piauí, e o cruzamento de quatro troncos familiares, ao

longo de quatro gerações (1850-1950)¹ Só ao final de minha carreira de geógrafo, um sério mergulho na realidade geográfica e histórica de minha terra, mais aquelas sócio-econômica de minha família, através de uma verdadeira *catarse* iria esclarecer a *orientação* de toda uma vida.

A segunda mola propulsora deve ter sido uma grande curiosidade pelo que estava *fora* do meu torrão natal, do qual, tudo indicava eu teria que renunciar. Esse sentimento do mundo” levar-me-ia, além daquilo aprendido na escola primária e no liceu, a leitura da coleção *Lans and People* (6 volumes) da editora Jackson, onde, além de treinar a língua inglesa, eu “viajava” pelo mundo, vasto mundo.

O terceira certamente foi uma forte paixão. Aquele amor à minha *terra* que teria que perder lançara-me ao anseio de abraçar o mundo como um todo. A adoção da geografia como profissão, o meu desprendimento de bens materiais, ensejavam que eu mobilizasse todos os meus recursos pessoais² para custear minhas viagens para participar de congressos e visitar Universidades no exterior. Viagens estas que cobriram boa parte deste mundo, inclusive o oriental, e que produziam o efeito de melhor entender o nosso Brasil. Esta aura de “cidadão do mundo”, mas amante do meu país, reproduzem, em escala maior, aquele sentimento de uma completa “brasilidade” que não apaga o amor e o orgulho de minha te piauiense.

Malgrado toda a complexa trama de nossos problemas sócio econômico, encanta-me nossa natureza tão variada e o nosso mosaico cultural tão rico e complexo, mas perfazendo uma *unidade* assegurada pela herança da língua portuguesa. O adolescente piauiense que não gostava muito das querelas históricas no Rio de Prata entre portugueses e ‘castelhanos”, era fascinado pela literatura que revelava o Rio Grande do Sul. Encantavam-me os romances de Érico Veríssimo. Dava tratos para imaginar o belo que deveria ser olhar os “pessegueiros em flor” (Olhai os Lírios do Campo) como, mais tarde, já no Rio de Janeiro, cursando a então Faculdade Nacional de Filosofia da UB e auxiliar de geógrafo no Conselho Nacional de Geografia (IBGE) líamos e discutíamos os textos e personagens fascinantes dos primeiros volumes d’ *O Tempo e o Vento*. Se o Piauí é a porção mais pobre e menos conhecida do Brasil, sinto em casa também nos Rios Grandes — do Sul e do Norte — na Bahia, Minas

¹ Trata-se da obra – inédita – precedida por um volume “Tempo de Balaio (A XXX do Piauí no meado do século XIX) e composta de quatro volumes XXX o conjunto rotulado A RUA DA GLORIA A rua em que nasci e vivi até os 18 anos no seu primitivo nome, hoje rua Cel. Lisandro Nogueira) O volume da mesma, suas muitas ilustrações, etc dificultam sua edição.

² Em todas as minhas viagens pelo mundo jamais utilizei qualquer recurso do erário público brasileiro (da USP ou agências financiadoras de projetos). Recebi ajuda das Nações Unidas, Organização dos Estados Americanos. e governos do México e Espanha.

Gerais, no Sudeste onde tenho vivido, na Amazônia, no Centro — Oeste (para onde dirigi meu primeiro artigo publicado)³.

Minha primeira visita ao Rio Grande do Sul deu-se em 1958 quando, já lecionando Geografia Física na Faculdade Catarinense de Filosofia, em Florianópolis e assessorando o Departamento Estadual de Geografia e Cartografia do Estado de Santa Catarina, compareci, com um grupo de alunos, á Assembléia Geral da .AGB realizada na cidade de Santa Maria. Integrei o grupo de pesquisa dirigido a Júlio de Castilhos durante meu período de atuação em Florianópolis (Outubro de 1955 à março de 1960) tive ocasião de vir algumas vezes a Porto Alegre. Já docente da USP no início dos anos setenta realizei trabalhos de campo na Campanha Gaúcha⁴ atraído pela curiosidade sobre os efeitos que algumas “secas” severas produziam nos rebanhos.

Hoje, ao ter noticia de que os “gaúchos” já estão adquirindo terras e cultivando soja nas chapadas do sul do Maranhão e do meu Piauí, sinto que somos um só povo, construindo uma só nação.

2 - A GEOGRAFIA QUE EU VIVI

Depoimento de um Geógrafo Brasileiro da Segunda Metade do Século XX

Tendo tido o privilégio de, nascido na década de vinte (1927), atravessar o século XX e adentrar o XXI, minha vida de aprendiz de geógrafo pode estruturar-se em três grandes períodos. Formação primária e secundária realizada na minha terra natal — Teresina, capital do Estado do Piauí e aquela superior, ocorrida no Rio de Janeiro, então capital da República, e efetuada no curso de Geografia e História na Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil Aquele da FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA que compreende o curso superior entre 1947 e 1950.

Este período coincide com a implantação da Geografia/Ciência no Brasil, considerando a inauguração da Universidade Brasileira, em São Paulo e Rio de Janeiro (1934-

³ Trata-se do “Notas para Estudo do clima do Centro-Oeste brasileiro” in VER. BRAS DE GEOGRAFIA Ano XIII n.º 1 --janeiro. 1987 - p. 03 - 42 ilustrado com 13 Cartogramas e 23 gráficos Rio de Janeiro - CNE-IBGE, 1951. Produzindo em 1948-9 quando eu era ainda aluno do 3º ano do curso de Geografia e História — FNF - UFS

⁴ Visava eu o Tema das “Secas na Campanha”. Sobre o qual realizei estudos climáticos, hidrológicos e geomorfológicos. Infelizmente não consegui obter informações sobre os prejuízos na vida rural (pecuária sobretudo). O que o levou a desistir do projeto de Tese de livre docência. Mas utilizei o material conseguido em aulas de pós-graduação.

35), a fundação IBGE (1937) obra do Estado Novo de Vargas — e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) fundada em 1935 mas, após uma década de oscilações e pouco desempenho, reestruturada e partindo para uma efetiva atuação após a assembléia realizada em Lorena, SP. (1945)

A primeira geração de geógrafos brasileiros, nos principais estados da federação, inclusive o Rio Grande do Sul, passou por essa situação, girando entre esses três pólos superpostos àquelas outras instituições mais antigas, como os Institutos Históricos e Geográficos, Departamentos de Geologia, Geografia ou Cartografia⁵. A tutela da escola francesa de geografia foi um fato que, bem nitidamente em São Paulo e o ocorreu, em variadas intensidades nos principais Estados. A “Cruzada Agebeana”⁶ pouco a pouco foi se alastrando pelos estados, na realização de suas assembléias anuais - apresentação e discussão crítica de trabalhos mas realização de trabalhos de campo e reunião administrativa. No Rio Grande, foi memorável aquela realizada em Santa Maria, em 1958.

Aquele período (de nossa formação) foi uma redescoberta do Brasil, par e passou com a marcha para o oeste durante os eventos posteriores a Revolução de Trinta, e os períodos Vargas, encerrando a república Velha.

Ao apontar para este período as décadas de trinta a cinquenta, na arbitrariedade que acompanha sempre as delimitações cronológicas, ficaria melhor demarcada se deslocarmos este limite até 1956. Do ponto de vista pessoal, isto serviria a coroar o meu período de “formação” com o estágio da bolsa de estudos na França. Sorbonne — Institut de Geographie (1951-52) e Faculte des Sciencies (1952-53) e meu ingresso no ensino universitário em Florianópolis, Santa Catarina (1955-59). Daquele nacional, a data de 1956 registra a realização do congresso da União Geográfica institucional (UGI) na cidade do Rio de Janeiro. Este congresso, muito bem sucedido e organizado, foi o *batismo de fogo* da geografia feita no Brasil, A realização de cinco grandes excursões pelas diferentes regiões brasileiras, acompanhadas de bem elaborados “livros guias” resultou na criação e uma primeira Geografia Regional do Brasil elaborada pelos mais preeminentes geógrafos da época.

A fase de efetiva atuação, abrangendo as décadas de cinquenta, sessenta e setenta, como no caso anterior, poderia ter como marco delimitador do seu limite, o ano de 1987, aquele de minha aposentadoria na Universidade de São Paulo.

⁵ Recordo que, aqui no Rio Grande do Sul, havia o Instituto Goussirat Araújo, dedicada a observação meteorológica e detentora de acervo de dados climatológicos. No início dos anos setenta consultei os arquivos daquela instituição.

⁶ Expressão por mim usada na obra. “A Geografia no Brasil (1934-77). Avaliação e Tendências”. Série Teses e Monografias n.º 37 158 pp. Ilustr. São Paulo, Instituto de Geografia da USP.

Este período tem, em seu primeiro segmento, uma atuação pessoal que concilia a prática no ensino universitário vinculado a um compromisso funcional com o IBGE, desde que ingressei na Divisão de Geografia do então Conselho Nacional de Geografia em março de 1948 (quando aluno do 2º ano do curso de Geografia e História) e obtive autorização daquela instituição para empreender minha colaboração no ensino universitário. Entre 1955 a 1959 atuei junto ao Departamento Estadual de Geografia e Cartografia do Estado de Santa Catarina de onde resultou a coordenação do ATLAS DE SANTA CATARINA (1948) - autorizado a colaborar na cadeira de Geografia Física na Faculdade Catarinense de Filosofia, embrião da futura UFSC.

Entre 1960 e 1964 atuei junto a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, SP um dos institutos isolados de ensino superior do Estado de São Paulo, Situação esta em que o TBGE concedeu licença para tratamento de interesse particular, vinculada a uma colaboração em serviço público, sem vencimentos mas sem prejuízo do *Tempo de Serviço*⁷.

Essa década (1955-1967), compartilhada nas duas iniciantes universidades foi da maior importância em minha carreira acadêmica, iniciada com meu primeiro artigo geográfico “Notas para o Estudo do clima do Centro Oeste Brasileiro” (RBG. Ano XIII n° 1 — Jan/Março de 1951-pp. 03-42 — CNG, Ver, De 1951) quando ainda aluno do curso de Geografia e História da FNF-UB (1948). No período de Florianópolis. elegi a climatologia como minha área de pesquisa — sem perder a concepção “unitária” em uma geografia antropocêntrica — escrevendo ali os primeiros artigos publicados na Revista Geográfica do IPGH (editados nos anos 60) bem como os capítulos Clima e Geomorfologia do volume sobre a Região Sul, na Geografia Regional do Brasil editada pelo IBGE em 1963. Em Rio Claro, onde as condições de trabalho oferecidas pela direção do saudoso professor João Dias da Silveira eram excelentes pude continuar publicando artigos e, sobretudo, a obra A DINAMICA CLIMÁTICA E AS CHUVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO, trabalho efetuado por mim a frente de uma equipe de estudantes de graduação em geografia. Esta obra, produzida no ano de 1964 só viria a ser editada em 1973 graças aos esforços do Professor Dr. Aziz Nacib Ab ‘Saber com as minguadas verbas do Instituto de Geografia de USP, Mas, após dez anos a edição saiu como eu a planejava, nas dimensões originais e impressa a cores.

As décadas de sessenta e setenta, juntamente aquelas em que minha produção geográfica, fruto da evolução de minha carreira universitária-produção de teses do doutorado

⁷ Retornaria a meu cargo no IBGE em 1965 até o primeiro semestre de 1967 quando pedi demissão optando pelo ensino universitário. Inicialmente aderi ao do recém criado Instituto do Geociências na Universidade de Brasília, até meu ingresso na USP em março de 1968.

e livre docência - além de serem varridas pelas “revoluções” ditas *quantitativa-teorética e radical*. Assisti a sua passagem tranqüilamente, sem aderir a elas como “novidade” mas com esforço de julgamento crítico. Sobre a primeira deixei um *depoimento*, apresentado em simpósio sobre a “Renovação da Geografia” integrada na XXV Reunião da SBPC no Rio de Janeiro, campus universitário da Ilha do Fundão, da UFRJ entre 8 e 14 de julho de 1973 — publicado na série Métodos em Questão, n° 6, do Instituto de Geografia da USP sob o rótulo “A Climatologia do Brasil ante a Renovação Atual da Geografia: Um depoimento”. Este texto, muito pouco conhecido, está entre aqueles que melhor revelam minha *profissão de fé* na Geografia.

Numa análise retrospectiva na minha carreira de geógrafo observo que entre minhas teses de doutorado (1967) e livre Docência (1975) a primeira apresentando a primeira pesquisa esclarecendo a minha proposta do *Ritmo* como paradigma mais válido para o estudo do clima; a segunda voltada para a importância crescente da urbanização é uma proposta teórica para o estudo dos *climas urbanas* no Brasil - ocorreu o quinquênio 1968-1973 reputado pelo acúmulo ou superposição de acontecimentos relevantes no mundo, como o marco fundante de um novo tempo.

O início desse tempo de impacto, um verdadeiro “ponto de mutação” (Turning Point de F. Capra) é aquele do meu ingresso na Universidade de São Paulo, no tumultuado ano do Ato Institucional n° 5 da Intervenção Militar. Ao tempo em que o homem chegava a lua, a geografia no âmbito da fundação IBGE registra o seu declínio, a partir daí progressivo até um quase total desaparecimento.

Uma outra relevante mudança ocorreria na AGB, na reunião de 1998 em Fortaleza, onde, em meio a um grande tumulto dos jovens estudantes para a “democratização” da associação, teve lugar a proclamação ideológica da revolução pela *critica - radical*. A partir daí os fóruns de AGB passaram a focalizar temário “humano”, com ênfase no sócio-econômico (ideológico) motivando a geração dos Simpósios de Geografia Física Aplicada, (1984) criada em Rio Claro e firmando-se em reuniões bianuais, cada vez mais efetivas.

Os anos oitenta foram particularmente profícuos na minha carreira, “A Geografia no Brasil (1934 - 1977) — Avaliação e Tendências” texto base para o Simpósio em Fortaleza foi publicado em 1980, seguindo-se a obra *A Que Ambiental no Brasil — 1960-1980*. (1981). Entre 1975 e 1985 desenvolvi um proveitoso contato de orientação e consultoria com a Secretária de Planejamento, Ciência e Tecnologia (SEPLANTEC) do Estado da Bahia, do qual resultaram estudos climatológicos e ambientais. Entre 1976 e 1988 participei dos congressos internacionais de Geografia da UGI e como membro das comissões

“Environmental Problems” e “Geographical Monitoring and Forescast” compareci às reuniões das mesmas em diferentes países (URSS, Tcheco-Slovaquia, Nigéria, Japão, México, Brasil, Espanha, França e Austrália). Em dez dessas reuniões apresentei seis comunicações, sobre pesquisas minhas ou em trabalho de equipes com alunos de pós-graduação.

Não querendo abusar da paciência de vocês — e não se trata de exibir aqui todo um *currículo vitae* — os anos setenta e oitenta foram de grande atividade e produção. Não quero esquecer que, na celebração do cinquentenário da revista Brasileira de Geografia (RBG) em 1978, a fundação IBGE lançou uma edição comemorativa, em dois volumes, havendo eu colaborado com o ensaio *Travessia Da Crise: Tendências Atuais Na Geografia*. Desde aí, tem sido um *leit motif* na geografia feita no Brasil a preocupação com os rumos da geografia, ternário de um sem número de reuniões disseminadas pelas diferentes regiões brasileiras.

Em 1985 galguei o patamar mais elevado da minha carreira universitária na USP prestando concurso para *professor titular*. Dois anos depois decidi pedir aposentadoria. Creio haver atingido o ápice de minha atuação, embora a *aposentadoria* não se tenha configurado como inatividade. Ao contrário, tenho trabalhado continuamente onde as tarefas do meu desejo (estudar e escrever) se vêm atrapalhadas pelas muitas e freqüentes solicitações para participar de fóruns geográficos e até mesmo dos ramos de conhecimento em afinidade com a geografia.

Consumada a aposentadoria na USP pensei em dar uma efetiva mudança no meu trabalho. Entre 1987 e 1990 ocorreu um *inlhermezzo* oscilante porquanto ainda continuei colaborando com os cursos de pós-graduação em geografia nas Universidades Federais de Santa Catarina e Minas Gerais.

Concomitantemente, em face da repercussão quase nula de minha proposta teórica para pesquisar climas urbanos entre os geógrafos, resolvi fazer algo mais acessível, mediante abordagens práticas (e com recurso à aparelhagem simples) do que resultou a série de artigos grupados na revista GEOSUL, da Geografia na UFSC, em seu nº 9, Ano V, 1º semestre de 1990. A proposta teórica teve boa acolhida entre arquitetos urbanistas, sobretudo no que concernia a “*conforto térmico*”. Creio que esta série de artigos na Geosul facilitou a acolhida entre os geógrafos. Mas foram precisos dezessete anos para que surgissem as primeiras teses de doutorado utilizando minha proposta teórica⁸.

⁸ A propósito veja-se a coletânea organizada pelo colega Francisco de Assis Mendonça, rotulada CLIMA URBANO, editada pela Contexto, São Paulo 2003 onde se encontra uma abreviação da teoria apresentada por mim; aí as resenhas de quatro teses de doutorado que, em diferentes graus, fizeram uso daquela proposta, mais um balanço nos estudos de clima urbano no Brasil, feito pelo professor Mendonça.

Ao mesmo tempo segui o meu impulso em proceder a uma seria REFLEXÃO sobre o que eu havia feito no ensino e na pesquisa em Geografia. Ao lado da minha produção pessoal havia que consignar aquelas dos meus orientados (13 mestres e 8 doutores) na USP. O primeiro ímpeto reflexivo resultou na obra “*Clima e Excepcionalíssimo Conjecturas sobre o desempenho da Atmosfera como Fenômeno Geográfico*” iniciado com determinação mas dividido com outras atividades, acabou sendo editado mais tarde do que eu desejava. A Editora da UFSC o lançaria em 1991. Ali encontra-se todo um esforço de autocrítica acompanhado de uma sondagem nos progressos dos conhecimentos científicos (epísteme) para antever as possibilidades de avançar aquilo que não me (nos) fora possível atingir. Outra análise visando “passar o bastão” foi aquela (1994) configurada no *Geossistemas — História de uma Procura*, editado pela Contexto, SP no ano 2000.

Outra reflexão pós aposentadoria dirigiu-se para a memória familiar e do meu torrão natal — deixado mas não esquecido. Entre 1989 e 1993 elaborei uma obra constante de duas partes. Uma inicial, partindo da caracterização da província do Piauí no meado do Séc. XIX. Recapitulando toda a formação social daquela parte obscura da federação, inclusive sacudida pela revolução dos *Balaíos*, um acontecimento histórico da Regência creditado sempre ao Maranhão, mas que nasceu no Piauí e o percorreu do Delta às lindes com a Bahia, a que dei o título de Tempos de Balaíos. A este volume introdutório seguiu-se o obra histórico-memorialista dos quatro troncos familiares convergentes para Teresina, fundada em 1852 para a função de nova capital, à margem do Parnaíba, em substituição à Oeiras, rotulada *Rua da Glória*, ela compreende quatro volumes referentes às quatro gerações contidas entre 1850-1950. Toda as sagas familiares estão entretecidas na história e formação social do Piauí projetada no Brasil.

Paralelamente às reflexões autocríticas e memorialistas de imediato à aposentadoria fui voltando-me para uma linha de pesquisa geográfica — misto de s de uma geografia cultural da escola californiana de Karl O. Sauer que nunca medrara entre nós e afluxos novos através da percepção, topofilia (Y Fu Tuan); contraponto humanístico (A. Buttimer) e relação geografia-literatura (T. Pocock). E, atenção a esta última feição, fui escrevendo alguns ensaios, parte dos quais foi editado numa coletânea rotulada *O Mapa e a Trama – ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas* – Composto de sete ensaios sobre ícones de nossa literatura, esta coletânea foi editada pela UFSC e lançada na Bienal do Livro de São Paulo em 2002.

Este terceiro período, *outonal*, ainda não demonstra o declínio que fatal e inexoravelmente atinge a todos nós. Não diria que a linha intelectual e a produção continuam

em ascensão. Talvez aquela linha ascendente que alcançou o seu ápice em 1987 — com a aposentadoria (precoce) - esteja se continuando em linha reta.

No topo da carreira não têm faltado manifestações de carinho, homenagens de alguns departamentos de geografia onde colaborei, seguido de homenagens de relevo tais como a outorga do título de *Doutor Honoris causa* pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (21 de novembro de 2000) e aquele de *Professor Emérito* pela Universidade de São Paulo (26 de junho de 2003).

Nestes últimos dez anos (1994-2003) têm sido inúmeros os convites recebidos. Diante do fato de haver deliberadamente encerrado as atividades de docência e pesquisa, por coerência e motivos éticos, tenho me afastado de participar de comissões examinadoras de titulação acadêmica e concursos.

Ao assistir simpósios, mesas redondas, ou outros fóruns geográficos, procuro me abster dos debates. Mas têm sido muitas as solicitações para proferir palestras, conferências, aulas inaugurais nas quais procuro direcionar-me aos problemas epistemológicos e filosóficos concernentes à geografia, ilustrando-os com exemplos da obra por mim produzida no passado. (O que significa que já está na iminência de incidir em fatais repetições).

Certamente o epíteto de “inativo”, ônus da “aposentadoria”, não assenta a este que vos fala. Um rápido balanço demonstra que, além das três obras publicadas, já referidas, o período 1994-2004 revela a publicação de 11 (onze) artigos e ensaios em revistas; 20 (vinte) textos inéditos de conferências realizadas, acrescidas de mais 5 (cinco) de cunho geográfico-literário, sem contar entrevistas e prefácios para obras de colegas.

Creio que este ânimo em continuar trabalhando afeta também os colegas gaúchos, das primeiras gerações de geógrafos. No meu caso, acho que já estou extrapolando. Pretendo agora dedicar-me mais aos estudos de epistemologia das ciências e sobretudo filosofia, porquanto considero que tais conhecimentos são basais às reflexões sobre as realidades do *presente* e as conjecturas sobre o futuro da geografia. Além do que me poderá sobrar um tempo para lazer e fruição das atividades culturais (exposições, concertos, teatros) dos quais tenho estado à margem.

Refletindo sobre minha *travessia*, nessa ansiedade de ser um geógrafo, aflora uma impressão de que estive conduzindo por três vetores: **liberdade, ousadia e humildade**. Tal como mencionei no meu discurso de agradecimento pela outorga do título de *Professor Emérito* na Universidade de São Paulo, a **liberdade** é um vetor que a Universidade — malgrado todas as dificuldades e percalços que a afligem — concede a seus professores

pesquisadores. Num dado momento de minha vida, tendo que decidir entre a Fundação IBGE e o ensino universitário, decidi-me, sem vacilação, pela segunda. A **ousadia**, é algo absolutamente necessário para nós no caso brasileiro, onde, tutelados no início de nossa formação, e dispostos a intercambiar com os vários centros culturais do dito primeiro mundo, já é tempo de tomar consciência de que não somos tão obtusos a ponto de depender indefinidamente de uma tutela e que devemos *ousar* a fazer nossas próprias proposições teóricas e aquelas técnicas (a nosso alcance). Nessa convicção é que pensei enfrentar a necessidade de um novo paradigma para os estudos climáticas, partindo de uma valiosa crítica de mestres europeus mas procurando estratégias segundo nossas possibilidades. No caso dos climas urbanos, ousei discordar da metodologia usadas nos grandes centros e propôs uma estratégia que me pareceu mais adequada. Quanto a **humildade** refiro-me a honestidade em revelar as fontes que nos encaminharam a nossa evolução – e se não de todo possível para alguns – dispensar o *narketing* e mesmo o *cabotinismo*. Para essa adoção será necessário estar ciente do novo espírito científico que evita a infalibilidade e o mundo de certezas absolutas de um *cientificismo* exagerado. A ciência admite *incertezas* e *dúvidas* o que (salvo melhor juízo) são fatores de progresso.

<p>3 – A GEOGRAFIA HOJE E AS PERPECTIVAS FUTURAS – Dificuldade e oportunidades para a nova geração de geógrafos</p>

Para participar de mesa-redonda naquela memorável reunião da AGB em Fortaleza (1978)⁹ produzi um longo texto que, com as ilustrações, deu ensejo a publicação “*A geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e tendências*” editada em 1980 pelo então Instituto de Geografia da USP* esforço, segundo foi declarado na introdução, era tido como “Apontamentos”¹⁰, um “rascunho” para conduzir os debates na referida mesa redonda, e desejando ser *uma das* avaliações individuais - feitas por outros membros da comunidade geográfica, tendo em vista a proximidade do cinquentenário da AGB.

Além de uma tentativa de periodização eu ousara, naquela análise, proceder a uma avaliação crítica, norteadas por diferentes paradigmas na Epistemologia da Ciência (Kuhn,

⁹ Minha participação naquele evento limitou-se a referida mesa redonda, pois ausentei-me logo após, voando para a Nigéria, onde acontecia a Concessão de “Problemas Ambientais” de UGI, precedida pelo Acad. I Gerassimov.

¹⁰ Série “Teses e Monografias” 0042 - 136 pp. flustrado São Paulo Instituto de Geografia da USP. 1980. Pela cor da capa ficou sendo designado o Livro Amarelo da Geografia.

Popper e Feyerabend) em evidência naquele então. Dentre as propostas encontrava-se aquela de considerar a geografia feita no Brasil “a caminho da afirmação”, trajetória essa subdividida em duas fases. (1956-68 e 1968-77). O ano de 1956, aquela de realização do congresso internacional da UGI no Rio de Janeiro era tomado como marco de batismo (confronto institucional) da nossa geografia. Aquele de 1968, batizando o quinquênio 1968- 1973 foi um verdadeiro, “ponto de mutação” pela superposição de relevantes eventos *no mundo* — inclusive a incidência na geografia das revoluções, teórica, quantitativa, crítica- radical — inaugurando a grande crise histórica que ainda atravessamos. Como já foi mencionado, em 1988, ao ensejo do cinquentenário da Associação Brasileira de Geografia, produzi o ensaio *Travessia da Crise — Tendências Atuais na Geografia*.

A este outro passo, seguiu-se um outro mais ousado que elaborei especialmente para apresentar na XVII Reunião da Associação dos Geógrafos Espanhóis, realizada em Oviedo (Astúrias) entre 02 e 06 de novembro de 2001, o qual rotulei de *A Geografia no Brasil ao Longo do Século XX: Um Panorama*¹¹. Nesse n.º, a (1977-2001) já considero que a geografia feita no Brasil alcançou plena afirmação. Uma das características que levam a esta constatação é que aquela posição de pura dependência em relação às geografias dos centros hegemônicos do conhecimento já está dando lugar a um significativo *intercâmbio*.

De qualquer modo estas “avaliações” individuais são muito precárias, abrindo-se mais a esforços múltiplos, provenientes de diferentes geógrafos, de diferentes vieses, para que se possa fruir de uma espécie de consenso. Quero apontar aqui um outro esforço que, embora num segmento temporal mais restrito, oferece um valioso subsídio. Trata-se da contribuição de Santos, M. & Bernardes, A. intitulado *Tarefas da Geografia Brasileira nesse Mundo em Transformação: um momento de sua trajetória*¹².

No final dessa minha segunda *avaliação* ousei apresentar duas tentativas de esquematizar as tendências atuais em nossa geografia, reconhecendo, contudo, que elas não me satisfazem. A situação atual não é simples. A multiplicação dos centros produtores de Geografia, acadêmicos, públicos estatais e particulares atingiu um número considerável. Os fóruns geográficos multiplicam-se. Os seus temários, como aqueles das *revistas* (periódicos em geral) exibem uma variedade muito abrangente. O número de publicações geográficas foi

¹¹ A AGB de S. Paulo publicou o referido balanço na publicação BORRADOR, nº 4 — Julho de 2002.

¹² Em trabalho de Milton Santos e uma de suas colaboradoras, publicado na revista CIÊNCIA GEOGRÁFICA — Ano V nº 13 pp. 04-22 — AGB. Sec. Local Bauru/SP Maio-Agosto de 1990.

enormemente acrescido, havendo departamentos de geografia, como aquele da USP, que publicam quatro revistas.

Na minha atual situação – aposentado, não filiado a qualquer instituição, voluntariamente independente de qualquer subsídio de provedoras de auxílio à pesquisa, - é muito difícil dispor de uma completa informação do estado atual da “nova geografia”. Minha presença em alguns eventos dá-me a idéia de que a geografia entre nós passa por uma fase de grande vitalidade. Vitalidade essa que se desdobra em variadas tendências metodológicas e direcionamentos temáticos. Atrevo-me malgrado as ressalvas apontadas — a apontar algumas que pretendo discernir. Ocorre um embricamento notório entre os suportes ideológicos-epistemológicos, uns pálidos resquícios neo-positivistas da preocupação teórico-quantitativa ligada, de uma parte, ao *desenvolvimento* (social) e de outro, aos modelos, à imagética dos sistemas de informação geográfica (SIG). O aumento considerável na comunidade de geógrafos (pesquisadores, professores) e alunos, multiplicou os fóruns de discussões geográficas, nacionais, por vezes internacionais, acolhidos entre nós e sobretudo departamentais, “semanas de geografia”, ANPEGE, etc, etc.

Lamentavelmente, a partir de 1984 quando a necessidade de acolhimento ao trabalho dos que precisavam na dita geografia física, expulsa dos fóruns promovidos pela AGB, cada vez mais acolhedora da *crítica radical* vinculada aos pseudos-marxismos, criou os Seminários de Geografia Física Aplicada, de realização bi-anual, apartando os ramos humanos e físicos de Geografia. Atestando o crescimento, o próprio fórum de Geografia Física deu lugar a geração de outros seminários: aqueles de climatologia geográfica e de geomorfologia, ambos bi-anuais e com crescente número de participantes.

Embora isso seja um reflexo do que vem acontecendo nos centros hegemônicos – inclusive na França, cuja escola de geografia sempre liderou nossa tutelação, – observa-se que nesses trabalhos “físicos”, em sua maioria, são abordagens ligadas á problemas sociais. Percebe-se que, em boa parte, este esforço em preservar o caráter *unitário* na geografia liga-se á vigência da “questão ambiental”. A esse respeito, a facção “humana” tem reagido de maneiras diversas: um grupo nega a validade da “questão ambiental” no âmbito da temática geográfica imputando-a de “falsa questão”; antigos partidários do humano e que ideologicamente negavam a questão social, tornaram-se fervorosos *ambientalistas*, por força da atração de verbas e disponibilidade política de aplicação. Outras insistem em exorbitar o lado “social” na concepção de ambiental; outros preocupam-se com o equilíbrio nessa fatal dualidade, considerando uma questão “*sócio-ambiental*”.

O lado “humano” da geografia, que a proclama como ciência *social*, muito além do antropocêntrico vetor da geografia, ciência dos *lugares* — penetra incessantemente na temática *socioeconômica*, deixando de lado o veio *antropológico*. Assim, temáticas como *prostituição*, *gênero* e outros, fundamentalmente sociais, ingressam entusiasticamente na agenda geográfica. Esquecem-se eles de que se tudo que for especializável for geográfico acabará incidindo na verdade de que *tudo é geografia* o que, por outro lado, induzirá ao raciocínio de que ela acabara por tornar-se *nada*.

Como se vê nesse crescimento divergente, que pode ser tido como sinal de *vitalidade*, há todo um processo complexo que afasta a geografia de uma das tendências mais fortes na epistemologia da ciência na atualidade, que proclama a necessidade de alcançarmos um *conhecimento* (epísteme) *mais conjuntivo*.

Para alguns a Geografia foi marcada pela *maldição* de uma dicotomia natural/social que precisa ser exorcizada pela eliminação do natural ou quando muito uma pequena concessão de que a natureza tornou-se um *fato histórico*. Felizmente restam ainda alguns que consideram que em vez de um mal essa ambigüidade é uma *benção* desde que a relação *sociedade-natureza* se expressa na definição dos *lugares* do homem na superfície terrestre.

A *geografia humana* proposta por Ratzel taxada de *determinista* tem sido muito deturpada. Todo aquele geógrafo que eleja a temática *natural* como área de pesquisa, jamais poderá deixar de considerar a presença e atuação do homem, haja vista o foco na questão urbana. Ali, na cidade aliam-se (ou se superpõem) os fatos da maior concentração populacional com a maior derivação do meio natural.

Ao meu ver a adjetivação HUMANA na Geografia, ignora que o homem é um ser multidimensional e é canalizado apenas para as dimensões do sócio-econômico que, certamente, são de grande relevância, talvez até mesmo algo *determinantes*. Mas não são as únicas a considerar. Nesses últimos anos, pós-aposentadoria, tenho procurado estudar filosofia com vistas à epistemologia das ciências em particular aquela da geografia? Das raízes de filosofia, naquela fundante da civilização dita ocidental, no apogeu da *Grécia Clássica*, (IV e V Séculos a.C) encontramos a oposição de Sócrates-Aristóteles o que terá à questão da dicotomia *interioridade* e *exterioridade* no homem¹³. Enquanto Sócrates valoriza o interior

¹³ A este propósito elaborei o ensaio “*Interioridade – Exterioridade do Homem* - reflexões sobre tendências atuais na Geografia” em seu possível papel na contribuição de um NOVO Humanismo, obra inédita que embasou a conferência por mim realizada ao ensejo do 3º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura - promovido pelo UNEPC - UERJ no Rio de Janeiro entre 23 e 25 de Outubro de 2002. Para tanto, parti da obra O HOMEM CURIOSO. O problema da exterioridade na Filosofia de Aristóteles do Embaixador Marco Vieira de Melo São Paulo. Paz e Terra 2001.

(conhece-te a ti mesmo; o sábio sabe que não sabe e preferiu *beber a cicuta* em nome da *liberdade moral do homem*), Aristóteles impeliu o homem para o exterior, a curiosidade insaciável. Na virada dos séculos XIX e XX a questão é revivida pela dupla Freud (interior) e Marx (exterior). Como em todo problema dicotômico não se trata de um *isso ou aquilo* mas de um compartilhamento equilibrado (ou coerente) dos dois lados.

A Geografia Humana, cada vez mais voltou-se à exterioridade do homem, como se valessem apenas as dimensões sociais e econômicas. O imputado *determinismo ambiental*, no meado do século passado foi galhardamente suplantado pelo *determinismo econômico*. E a abordagem econômica tem sido eivada da carga ideológica que acompanha aquela do social, não deixando lugar a que sejam considerados outras dimensões humanas.

Não gostaria que os inconvenientes que tomo a liberdade de apontar nas ideologias afetantes na Sociologia e Economia não venha a ser imputada às fontes produtoras naquelas ciências. Permito-me apenas perceber a repercussão — quem sabe mal assimilada ou deturpada — na Geografia Humana. Deve haver um nítida distinção entre a interioridade do homem, *individual* e as características do *coletivo* que é a sociedade. Se a psicologia — e a psicanálise — mergulham na interioridade do homem e através de múltiplas análise individuais pretendem discernir tendências genéricas, coletivas, esta compreensão não se dirige à sociedade mas à *condição humana* através das várias dimensões contidas no homem. Parece que a *Antropologia* estabelece uma profícua sintonia entre o coletivo da sociedade e o individual do homem. Se a alguns geógrafos do humano parece despropositada a relação com a *Psicologia* pelo menos deveria haver uma predisposição em aproximar-se da *Antropologia*¹⁴.

Aquilo que estou querendo apontar como urna *lacuna*, justifica-se plenamente agora — na vigência da grande crise histórica que atravessamos — aflorando nitidamente na geografia que se faz nos grandes centros e com nítida repercussão no Brasil, por meio daquilo que se vem rotulando como Geografia Humanística. Algumas correntes como aquelas da *percepção*, *topofilia*, vieram juntar-se à retomada da geografia cultural (escola de Berkeley, de Carl O. Sauer) evidenciando a necessidade de considerar a interioridade do homem, aquele substrato comum a que se designa como *condição humana*, não para *substituir* o hiper valorizado coletivo sócio-econômico. Não o homem individual mas algo como a essência

¹⁴ Alias nos primitivos cursos de Geografia-História vigentes ou nossas Faculdades de Filosofia ate o ano de 1957 — principiado na USP e daí estendido pelas outras — a carga da disciplina de Antropologia era a mesma para os alunos de Geografia e História e aquele de Ciências Sociais. Não havia Sociologia naquele currículo. No curso de formação de professores (licenciatura) havia a disciplina de Sociologia Educacional em equilíbrio com aquele de Psicologia Educacional.

histórica do homem. Esse momento inclusive promove uma relação entre o científico e o artístico — como a relação geografia-literatura¹⁵.

Considero que essa corrente revela-se extremamente oportuna porquanto urna das características das *desconstruções* que caracterizam uma grande crise histórica, soleira de uma nova *modernidade*, além daquela visando uma nova razão e um novo *conhecimento*, é, exatamente, aquela visando um *novo humanismo*. Assim uma orientação geográfica perpassada de novos valores humanísticos não visa uma “revolução”, mas um simples *enriquecimento* da geografia, visando a construção de um, mais que necessário, *novo humanismo*.

No ano do meu nascimento (1927) o filósofo alemão M. Heidegger publicava sua obra *O Ser e o tempo*, (seguida depois de uma conferência *O tempo e o Ser*). Embora muito controversa e polêmica, a obra daquele filósofo — como aquela de Nietzsche — é essencial para entendermos a nova modernidade tecnológica. Sem pretender ser uni conhecedor de uma obra filosófica tão complexa retiro daquilo que pude fruir da concepção do ser (da-sein) uma metáfora mais acessível sobre a dualidade Animalitas—Humanuin. Enquanto o *ente*, expansão do primeiro é um *senhor* (dominador) do animal, o *ser* é um *pastor* (guia, condutor do segundo). Senhor do *ente*, pastor do ser. Parece-me assim, que a Geografia Humana tem exagerado o lado atroz da força econômica e da coerção social, descartando as outras dimensões — psicológica, religiosa, artística, enfim *culturais* - para completar (ou aproximar-se o mais possível da complexidade humana) e para entender a “produção” dos lugares que o homem realiza na superfície da terra, para a sua vida.

Na minha opinião isto se projeta naquilo que é a necessidade da *compreensão* do que é a geografia no conjunto do conhecimento. Em meio a um espectro tão variado do; seu objeto de estudo natureza e sociedade humana estas peça ligam-se em diferentes modos de conexões e sintonias, o que promove uma *congruência* essencial a essa complicada estruturação do *todo*. Para atingir a difícil *síntese* que estas múltiplas e complicadas análises, que se nos apresentam no pensamento geográfico, só poderá ser algo de *conjuntivo* (dificilmente ou nunca *linearmente*) que será, forçosamente, um construto *filosófico*.

Tentando uma analogia metafórica ocorre-me aproveitar aqui, algo que *Ítalo Calvino* nos ofereceu em sua obra *As Cidades Imaginárias*:

¹⁵ Eu próprio; em meus projetos pos-aposentadoria. dediquei parte do meu tempo a expe a relação que nossa literatura - em alguns ícones mágicos — revela de enriquecimento à geografia. Graças a Editora dali! SC tive publicada a minha coletânea O MAPA E A TRAMA Ensaios sobre o Conteúdo Oeowáfieo em Criações Romaneseas (2102),

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco- , mas pela curva do arco que estas formam.

- Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe.

As cidades invisíveis — Italo Calvino (1990, p. 79)

E com esta imagem encerro essa já longa conversa da qual talvez se possa aproveitar o que há de *histórico*. Tenho desconfiança de que para *alguns* minhas convicções sobre a natureza de geografia possam parecer ultrapassadas. Mas elas assentam bem a um aprendiz de geógrafo cujo grande condutor e ícone máximo foi aquele *pai da geografia* que soube conectar a natureza e sociedade num desempenho magistral de *naturalista e humanista*: Alexander Von Humboldt (1769-1859). Embora extremamente mutante o mundo e os instrumentos de análise científica a geografia deve preservar os *princípios básicos*, aqueles graças aos quais a geografia granjeou foros de ciência e manter vinculada à Filosofia.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro